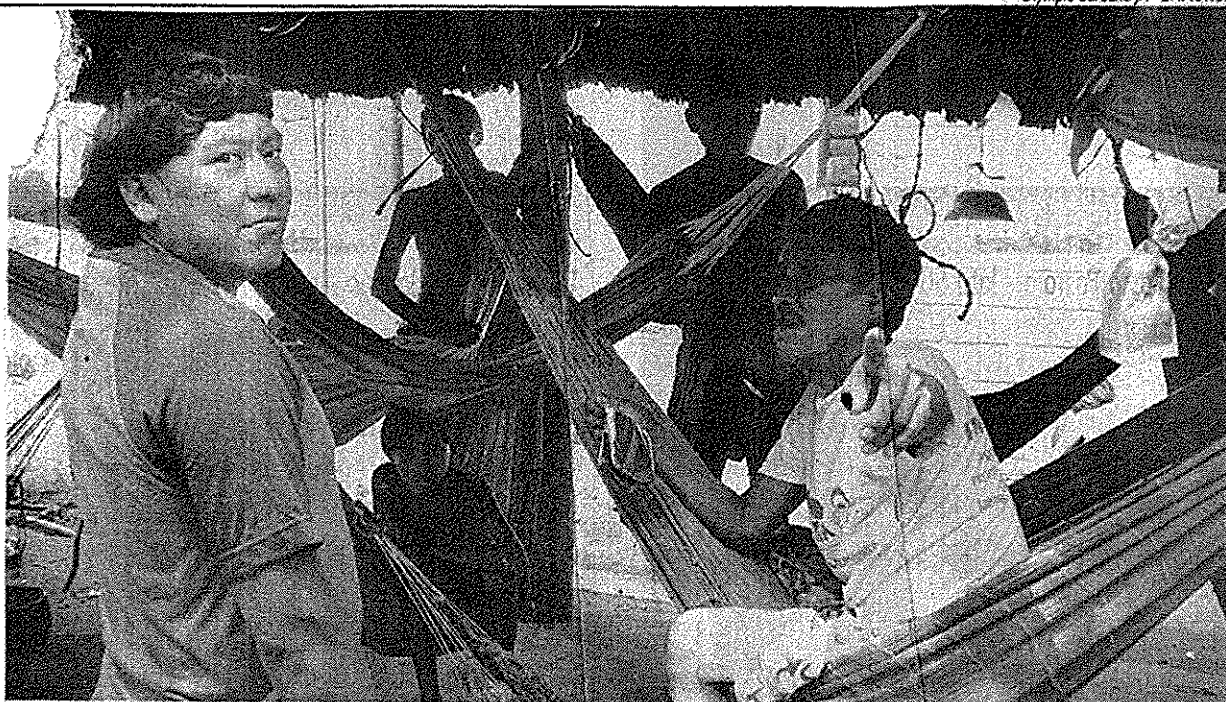




Olympio Barbanti Jr. - 27.Nov.89

Índios ianomami internados na Casa do Índio, em Boa Vista, para tratamento de malária e coqueluche

Mortes dos ianomami continuam após a retirada dos garimpeiros

OLYMPIO BARBANTI JR.

Da Reportagem Local

Após 166 dias do início da operação de retirada dos garimpeiros da reserva ianomami, em Roraima e no Amazonas, a situação dos índios piorou e as mortes continuam por problemas de saúde. Em abril e maio, houve uma média de 130 internações na Casa do Índio, alojamento de trânsito transformado em hospital mantido pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em Boa Vista, capital do Território de Roraima. Segundo o médico Oneron Pitthan, houve uma média semanal de dois óbitos de ianomami em maio. Esses são os números conhecidos —muitos índios adoececem e morrem na floresta sem que se saiba, pois os ianomami não falam de seus mortos.

Pitthan, único médico da Funai na região, é responsável pelo atendimento de mais de 20 mil índios —entre os ianomami, wá-pixana e macuxi. As doenças, diz, são passadas aos ianomami pelos garimpeiros que invadem a reserva indígena em busca de ouro. Hoje há uma epidemia de malária e um surto de coqueluche, que, associados à desnutrição, causam as mortes.

O maior número de óbitos tem ocorrido na área indígena de homoxi-there, próxima à pista de pouso de garimpeiros chamada de Jeremias. Interditada pela Polícia Federal, a pista continua em operação normal, apesar do período de chuvas. Os funcionários da Funai —que atendiam cerca de 300 índios— retiraram-se esta semana, após an

Em 88, existiam 9.910 índios

Da Reportagem Local

Os ianomami eram considerados como a última grande nação indígena do continente americano a viver praticamente isolada do homem branco. Após a maciça invasão garimpeira ocorrida nos últimos dois anos, esses índios podem ser considerados "parcialmente contatados", embora muitas de suas comunidades ainda não tenham sido atingidas pelo garimpo. Os ianomami habitam o noroeste do Roraima, o extremo nordeste e norte do Amazonas e o sul da Venezuela.

Um levantamento populacional realizado em 1988 pela Funai indicou a existência de 9.910 índios, distribuídos em

120 aldeias no território brasileiro. Calcula-se que existam cerca de 13 mil ianomami em território venezuelano.

O primeiro registro da presença de garimpeiros na região é de 1964. Durante as décadas de 70 e 80, a Polícia Militar do Território de Roraima, a Polícia Federal (PF) e a Força Aérea Brasileira realizaram várias operações de retirada dos invasores. Apesar disso, o número estimado de garimpeiros da área passou de três mil, em 1987, para 40 mil, em 1989, segundo avaliação de entidades garimpeiras. Para a PF, no entanto, o número máximo de garimpeiros presentes na região ianomami chegou a 10 mil, em outubro de 89.

peiros, segundo João Carlos Nicolli Soares, administrador regional da Funai em Roraima. Procurado pela Folha, o líder garimpeiro José Altino Machado não foi localizado ontem.

Nicolli tem advertido frequentemente a sede do órgão em Brasília sobre operações de garimpeiros na reserva indígena. Para Nilson Campos Moreira, coordenador da Operação Ianomami da Funai, a situação dos índios "continua difícil".

Na sede da fundação argumenta-se que não haverá solução para o caso sem a implantação de um plano permanente de atendimento

aos ianomami, para o qual foi solicitada ao Ministério da Justiça a verba de Cr\$ 150 milhões. O governo federal já gastou mais de NCz\$ 15 milhões em um programa de saúde e NCz\$ 35 milhões na operação incompleta de retirada dos garimpeiros.

A retirada dos garimpeiros esbarra em disputas políticas e decisões contraditórias entre a Justiça em Brasília e em Boa Vista. Os garimpeiros já deveriam ter sido deslocados para três reservas de extração, o que ocorreu parcialmente.